

## OS CONTOS DE TRANCOSO: ANÁLISE LINGUÍSTICA

Carla Cristina Sá Duarte (Univ. do Minho)  
[carlasaduarte@iol.pt](mailto:carlasaduarte@iol.pt)

### RESUMO

A primeira edição dos *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso ocorreu no ano de 1575 e foi impressa por António Gonçalves. O único exemplar conhecido existente encontra-se na Biblioteca Oliveira Lima, na Universidade Católica da América, em Washington, DC, nos Estados Unidos da América. Esta obra terá sido objecto de uma edição facsimilada por João Palma-Ferreira e foi publicada pela Biblioteca Nacional de Lisboa em 1982. A sua importância reside fundamentalmente, no facto de ser o primeiro livro com a forma literária de conto em Portugal. A análise contempla aspectos como as características paleográficas, aspectos relacionados com a grafia, a fonética, a pontuação e a acentuação, com o objectivo de contribuir para os estudos filológicos existentes.

**Palavras-chave:** Filologia; Análise de Corpus; Edição semipaleográfica.

### O AUTOR E A OBRA

O primeiro contista português chamava-se Gonçalo Fernandes Trancoso e terá nascido entre 1515 e 1520 na vila de Trancoso. A sua morte terá ocorrido antes do ano de 1585, pelo facto de o privilégio real da edição de 1585 (datado de 10 de Janeiro) ter sido concedido a seu filho, Afonso Fernandes Trancoso.

O escasso conhecimento sobre este autor advém da informação retirada do prólogo do seu mais ilustre livro: *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo*. No ano de 1569, ano da peste, terá perdido uma filha, um filho, um neto e a esposa. Posto isto, e para ultrapassar a tristeza sentida, dá asas à imaginação e decide escrever *contos de aventuras, histórias de proveito e exemplo, com alguns ditos de pessoas prudentes*.

A primeira edição dos *Contos & Histórias de Proveito & Exemplo* data do ano de 1575, altura em que foram impressos por António Gonçalves. O texto foi adquirido no ano de 1923 pelo historiador e diplomata brasileiro Manuel de Oliveira Lima. Falecendo em 1928, nos E.U.A., terá legado este volume juntamente com a sua biblioteca, à biblioteca da Universidade Católica da América, a qual

integra actualmente a Biblioteca Oliveira Lima, em Washington, DC.

A sua importância reside no facto de ser a primeira edição conhecida deste livro e que se tornaria tão popular durante os sécs. XVI, XVII e XVIII. De facto, o sucesso deste livro verifica-se pelo número de edições que teve ao longo dos tempos<sup>15</sup>. Apesar de tudo, não deixa de ser interessante, no entanto, verificar que um leitor nos dias de hoje reconheça facilmente a obra de Luís de Camões, mas não a obra de Trancoso, tendo ambas as obras sido impressas por António Gonçalves.

A obra parece ter passado despercebida nos anos posteriores à sua primeira edição, facto comprovado pela quase inexistência de informação sobre o seu autor, bem como das restantes edições.

Constituído por duas partes, foi um livro exemplar onde o autor abordou temas como a religião, a justiça, passando pelas relações familiares e as normas de vida, não esquecendo as virtudes das mulheres. Através de histórias exemplares (vinte na primeira parte e onze na segunda) tentou ensinar o comportamento que era esperado na sociedade portuguesa para os vários grupos sociais. É de facto um óptimo testemunho da mentalidade e das normas de comportamento moral da época quinhentista.

## DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO

O documento em estudo é composto por 66 fólios e foi escrito em letra humanística redonda. O impressor utilizou, ainda, o tipo itálico para acentuar algumas expressões latinas, poemas ou partes dos títulos dos contos.

O texto é corrido, pelo que não se encontra dividido em colunas e conta aproximadamente 27 linhas por fólio. É um documento

---

<sup>15</sup> Segundo Berardinelli, esta obra "Editada, pela primeira vez, em 1575, teve, até 1861, onze edições, enquanto no mesmo espaço de tempo, *Os Lusíadas* eram impressos doze vezes." (1985, p. 77). Ou ainda: "do ano do seu aparecimento até 1746 contam-se, entre as edições parciais e completas, 16 reimpressões." (Finazzi-Agrò, 1978, p. 96). Acentua-se assim que "Entre as obras mais largamente apreciadas, eis ainda as inúmeras narrativas morais ou moralizadoras" (Febre e Martin, 2000, p. 332), onde poderíamos incluir os *Contos & histórias de proveito & exemplo* de Trancoso.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

de grande raridade e sendo um ex-libris, a sua capa é feita de marroquim, material muito utilizado para encadernações mais cuidadas e o papel é marmoreado. Trata-se de um texto de pequeno formato, correspondendo assim ao formato in-4º. (contém oito páginas, quatro de cada lado). Este exemplar encontra-se mal conservado e encontra-se na Biblioteca Oliveira Lima, na Universidade Católica da América, em Washington, DC.

A primeira folha do texto é manuscrita<sup>16</sup>, pelo que lhe falta a folha de rosto original. Essa folha manuscrita contém o título da obra, o nome do autor, a parte da obra a que diz respeito, o local, o impressor e a data. Em vez disso, o título da obra é formado com os dizeres do frontispício da segunda parte, onde se menciona também o nome do autor. Na primeira parte falta o fólio numerado com o número cinco r/v.<sup>17</sup>

Este documento contempla também a *Tavoada*. Também denominada de sumário ou índice, a tabuada indica as primeiras palavras de cada caderno acerca do que se contém nas partes da obra, o que permitia ao impressor verificar a totalidade do documento e o seu correcto fabrico.

O cólofon<sup>18</sup> aparece no final da primeira parte, contendo o nome da obra, a cidade onde foi impressa e por quem, seguida da data de 11 de Maio de 1575.

---

<sup>16</sup> Pela caligrafia e ortografia usadas, esta "será da responsabilidade de algum dos seus possuidores dos fins do séc. XIX, inícios do séc. XX, que quis assim dar um rosto à obra." (Nobre, 1999, p. 63).

<sup>17</sup> A omissão da folha cinco, da primeira parte, não deixa de ser estranha numa época que se adivinhava tão controladora quanto ao que era escrito, com regras do Santo Ofício bastante explícitas (Nobre, 1999, p. 44). A censura parece não ter passado por este texto, mas não deixa de ser estranho omitir-se uma parte do Conto III da primeira parte, parte essa "precisamente no espaço em que se contam as aventuras e desventuras de uma donzela para escapar às propostas lascivas de um "fidalgo de título" (Nobre, 1999, p. 44).

<sup>18</sup> "Do cólofon, elemento no fim da obra, geralmente constava o título exacto da obra, o nome do autor, o lugar de impressão, o nome do tipógrafo e a data da impressão. No entanto, nos *Contos de Trancoso*, o nome do autor não consta senão no privilégio da primeira parte, no privilégio e taxa da segunda parte, no verso da folha de rosto da segunda parte e para além disso, no cimo do recto de todas as folhas. Informação demasiado pertinente para ser omitida no cólofon, na nossa opinião.

O privilégio real da primeira parte é de Gaspar de Seixas, feito em Lisboa no dia 20 de Abril do ano de 1571 e o privilégio e taxa da segunda parte é de Jorge da Costa e foi feito em Almeirim no dia 26 de Novembro do ano de 1576.

*Primeira parte das historias*

¶ **CONTO. XI. QVENOS MOSTRA**  
*como os pobres com pouca cousa se alegam . E he hum dito que disse hum homem proue a seus filhos.*

**P**ERTO da cidade do Porto, onde chamão Paço de Soufa, auia hum pobre homê que tinha feis crianças, antre filhos & filhas, de q̄ algũs eram de xvij. ou dezoito annos, & dali para baixo : & tendoos a todos derredor de si, hum serão, sobre cea de boroa & castanha, derredor do lume cõrentes, olhou para elles, & vio os taes; que o melhor arroupado, se tinha camisa, nam tinha pelote, se pelote, sem mangas, & se mangas sem fialda, & todos descalços & sem bartete, nem coisa : assi que todos feis se cobriam com fato, que para bem nam bastaua a hum, & esse muito velho & muy esfarrapado, q̄ quasi nam prestauã, & vendoos taes disse à molher. Ouuis, lembreuous a manhaã ( se Deos quiser ) que peçais a minha comadre Briolanja de Paiua hũa quarta de linhaça emprestada, semealamos, & com ajuda de Deos aueremos linho , de que façamos no verão caçotes para estes cachopos Os filhos tanto que o ouiram, saltando no ar, com muito prazer, deziã hũs para os outros rindo . Ay caçotes mana , ay caçotes . Tanto riram & folgaram, estando ainda nus, que o pay disse . O dou o demo ꝑ canalha, que como se sentem vestidos nam ha quem possa com elles.

¶ **Conto**

A obra é dedicada a Rainha D. Catarina. Como refere o pró-

logo da segunda parte, D. Catarina<sup>19</sup> terá custeado parte do papel da impressão da primeira parte dos *Contos*.

As letras iniciais ou capitulares são impressas (ornamentadas com folhas, na maioria dos casos) e ocorrem no início dos prólogos; no início de cada conto (a iniciar a história propriamente dita e não no seu título); na *Tavoada* referente ao primeiro conto da primeira parte (não decorada); no início do privilégio da primeira parte e no início do privilégio da segunda parte (não decorada).

Os cadernos apresentam assinaturas porque os impressores tinham adquirido o hábito de classificar cada caderno por uma letra do alfabeto, impressa na parte inferior da folha do lado direito, e de acrescentar às letras um número indicativo da ordem dos fólhos (Febvre e Martin, 2000, p. 119). No documento em análise, as assinaturas figuram com letras maiúsculas e numeração árabe.

Os reclames estão igualmente presentes em algumas das páginas, colocados no extremo inferior direito, ocorrendo, em alguns casos, nas mesmas páginas onde se encontram as assinaturas. Segundo Haebler os reclames facilitavam a leitura, na medida em que o olho seguia suavemente o texto do fim da página para o início da página seguinte, visto que a leitura era feita em voz alta (1995, p. 99). Os reclames tinham, deste modo, uma função prática e utilitária, visto que ajudavam a organizar os cadernos na sua ordem correcta. (Haebler, 1995, p. 100).

A paginação do texto está presente, numerada apenas no retro, como era costume da época. Também chamada de foliação, é o número que se põe na folha (no extremo superior direito) e que nos indica a sua ordem dentro da obra.

---

<sup>19</sup> A questão que se põe neste caso é porque terá escolhido Trancoso D. Catarina, numa altura em que esta já tinha renunciado à regência e entregue o governo a D. Henrique. Nas palavras de Cristina Nobre, "a escolha deverá ter sido muito influenciada pelo cariz religioso e pela temática moralista da obra. Interessada pela vida intelectual do seu país, a ponto de fazer concentrar em Coimbra os estudantes portugueses dispersos pelas Universidades estrangeiras, a religião era obrigatoriamente um dos pontos fulcrais do seu interesse." (1999, p. 84).

ANÁLISE LINGUÍSTICA

Através da edição semipaleográfica realizada concluímos que o texto apresenta características próprias dos textos antigos portugueses de entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII.

Apesar de no início do séc. XVI terem aparecido algumas gramáticas com o propósito de estabelecer uma norma para a língua portuguesa, no documento analisado ainda podemos verificar certa instabilidade gráfica. Assim, iremos enumerar alguns dos aspectos que foi possível verificar.

Ao nível gráfico ainda é possível verificar:

- A utilização de «u» pelo /v/ (*caualleiro; chuua; escreuer; liuro; Setuual; viuua*). Em alguns casos verificou-se o uso do grafema <v> com valor de vogal /u/ (*hva; ovve; qve*) usado erradamente, por falha do impressor;
- A utilização do «y» pelo /i/ (*alfaiate/alfayata; mǎi/mǎy; misterios/mysterios; oito/oyto; praia/praya; rei/re; tirano/tyrano*). Em segundo lugar, o «y» ocorre em posição inicial em formas como *ydade, yde; yr; yrado; Yrlanda; yrmǎ; yrmandade; yrosas* e *Ysopo*, mas a sua presença não se deve a razões etimológicas, pelo que parece verificar-se assim um uso indiferenciado entre <y> e <i>;
- A utilização do grafema <i> com valor de fricativa palatal sonora (*Iesu; Ioão; Ioane; Iorge*);
- A utilização de «ph» com valor de /f/ (*amphitriam; philosopho*) nas palavras de origem grega;
- A utilização do grafema «ch» com valor de /k/ (*anichilam; cristandade; Christo; cristão*). Na maior parte dos casos trata-se de um «ch» etimológico, embora ocorram exemplos de falsa analogia (*charidade*);
- O emprego de «th» por razões etimológicas (*catholica; thesouros*) e por razões não etimológicas (*authoridade; Bethlem*);
- A utilização do «h» por razões etimológicas, na maior parte dos casos. Porém, existem ainda alguns casos de falsa etimologia (*he; hombra; h□; h□a; hum*). Verificou-se algum emprego arbitrário do

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

«h» em início de palavra (*hiã; hialhe; hiam; hiase; himos; hindo; hira; hirey*) e a falta do mesmo quando tal se justificaria, por ser etimológico (*auer; auendo; oje; orta; ortelão*). Finalmente, as formas com «h» ocorrem com as suas correspondentes sem «h» (*habito e habeto/abito; habilidade/abilidade; honesta/onesta, hospede/ospede e humilhou/omilhou*). O «h» serve também para indicar hiato entre vogais (*ahi; reprehensos; sahio*);

□ A utilização de *-am* e *-ão* em posição final de palavra. Segundo alguns gramáticos do séc. XVI essas duas formas distinguiriam as formas do pretérito e do futuro ortograficamente. Trancoso utiliza para o pretérito perfeito *achárão, acharam e acharã, aceitaram e aceitarão, folgaram e folgarão, ouuerão, ouuerã e ouueram*; para o pretérito imperfeito utiliza *achauam e achauão*; para o futuro utiliza *faram e farão*, ou seja, o que irá distinguir todas essas formas, independentemente do ditongo nasal ser átono ou tónico, é apenas e só, o contexto onde elas se inserem.

□ No caso dos nomes, Trancoso também recorre a algumas variantes gráficas, tais como *Ermitã, Ermitam* ou *Ermitão* e *tabaliã, tabaliam* ou *tabalião*;

□ A utilização do til como abreviatura de consoante nasal (*m* ou *n*) em final de sílaba (□*bora; n□ca; pr□cesa; tamb□*).

Ao nível fonético foi possível verificar que a presença de vogais geminadas se deve a razões de ordem etimológica e não etimológica. Os casos etimológicos devem-se à síncope de consoantes intervocálicas (*christã; nuus; orfaã; yrmaã*), a par das correspondentes já contraídas por fenómenos de crase ou assimilação (*feelfé; seel/sé; sool/só*). Os casos não etimológicos devem-se, por um lado, à falsa analogia e por outro, à necessidade de indicar a abertura da vogal tónica.

Nota-se ainda uma instabilidade gráfica (e também possivelmente linguística) entre as vogais (*acudir/acodir; antre/entre; arrancar/arrincar; derrubar/derribar; geolhos/giolhos; imprimir/ imprimir/empremir; manhaã/menhaã; pedio/pidio; pela/pola; razam/ rezam; sossego/sessego; vizinha/vezinha*).

A presença de consoantes duplas (*abbadessa; affrica; anno; applicados; baixella; efeito; immigo; peccadores; permittira*), por

vezes juntamente com as suas correspondentes simples. Isso deve-se, na maioria dos casos, a razões de ordem etimológica. Ainda assim, continua-se a verificar a presença de consoantes duplas por falsa analogia (*deffeito; escolla; estillo; occiosidade*). Finalmente, não podemos esquecer, ainda, que o desconhecimento provocou a afluência de consoantes pseudo-etimológicas com o intuito de contribuir para uma ortografia etimológica, de modo a tornar a forma escrita das palavras mais próxima do latim.

### O EMPREGO DAS MAIÚSCULAS

O emprego das letras maiúsculas não parecerá, à primeira vista, muito divergente do emprego aplicado nos dias de hoje. Mas numa análise mais atenta e cuidada, verificámos que as letras maiúsculas são em locais bem específicos.

Em primeiro lugar, verifica-se que as maiúsculas são utilizadas nos nomes e sobrenomes de pessoas (*Ioão; Iorge da Costa; Luis Brochado; Gonçalo Fernandez Trancoso* mas *Gonçalo fernandez Trancoso*), nacionalidades (*Lusitano; Portugues*), línguas (*lingoa Ingresa* mas *lingoa latina & grega*), localidades (*Beja; Bethlem; Lixboa*), regiões (*Affrica; Espanha; Inglaterra*), meses do ano (*Abril; Mayo*), profissões ou ocupações (*Arcebispo; Cortesam; Ermitam; Mouro; Padre*) para além de pessoas consideradas importantes na época (*Alteza; Rei; Rainha; Principe; Iffantes; Conde; Duque; Senhor; Senhora*), relacionadas com a religião (*Christo; Deos; Demonio; Pater noster & Aue Maria; Apostolo sam Pedro; Iesu; Madre; Senhora; Spiritu sãcto*), animais (*Nebri* mas *lião*) e outras onde não nos pareçam justificar-se (*Reyno, Reliquias*).

Estes usos, na sua maioria, coadunam-se com o que dizia Magalhães de Gândavo<sup>20</sup> relativo ao emprego das maiúsculas.

Ainda assim, e tendo em conta estas palavras, podemos verificar a presença de *Nebri* (seria considerado um bicho feroz na época

---

<sup>20</sup> “a maiúscula (grande) [...] confere relevo aos nomes próprios, sobrenomes de homens e mulheres, nomes de cidades, vilas, lugares, reinos, províncias, nações, rios, nomes *exquisitos* de animais ou bichos ferozes, assim como os meses do ano, aplicando a minúscula nos restantes casos.” (Gonçalves 2003, p. 816).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

de Trancoso?) mas *lião* (poder-se-ia deduzir que o leão não era considerado um bicho feroz? Estamos certos que não.)

Em alguns casos, as letras maiúsculas ocorrem com as suas correspondentes minúsculas (*Mouro* e *mouro*; *Princesa* e *princesa*; *Rainha* e *rainha*). Ficamos sem saber se se trata de erros do impressor ou, se em finais do século XVI, o emprego das letras maiúsculas era arbitrário, como nos quer parecer à primeira vista.<sup>21</sup>

Em segundo lugar, quando a preposição *de* se junta a outra palavra começada com vogal maiúscula, esta perde o seu valor de maiúscula, pelo que a preposição é grafada com maiúscula (*Despanha* e *Dalcacere*).

Em terceiro lugar, as letras maiúsculas são colocadas após o ponto, em início de parágrafo, em início de cada verso dos poemas, no início da história do conto (por ex: *EM h□a populosa villa*), em alguns títulos (por ex: *PROLOGO A RAINHA NOSSA SENHORA*) ou em partes dos títulos dos contos (por ex: Conto II. *QVE AS FILHAS DEVEM tomar o conselho*).

## PONTUAÇÃO

A obra de Trancoso mostra certa variedade quanto a sinais de pontuação. Assim, foi possível chegarmos a uma relação numérica de todos os sinais de pontuação existentes no mesmo. De entre todos os sinais, o que tem maior número de ocorrências é a vírgula (com cerca de 7074 ocorrências). Segue-se o ponto com 2391 ocorrências e os dois pontos com 735. Finalmente, o ponto de interrogação com 32 ocorrências. O sinal menos utilizado é o ponto e vírgula contando apenas duas ocorrências. Relembramos que na época de Trancoso o ponto tratava-se de uma marca mais forte, enquanto que os dois pontos eram considerados uma pontuação intermédia, que servia para indicar as partes ou membros da frase. A vírgula era considerada a pontuação mais fraca.

Embora os gramáticos mais próximos do ano de impressão

---

<sup>21</sup> O fato é que em exemplos de outros animais, tais como *gato*, *caualo* e *toupeira* estes ocorrem sempre com minúscula, donde possivelmente *lião* terá sido um lapso do impressor.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

dos *Contos* tenham distinguido as várias formas de pontuar um texto, o facto é que nem sempre Trancoso terá feito uso desses pontos da forma descrita por aqueles.

Importa referir, ainda, que Trancoso utiliza o ponto depois do cabeçalho da obra (por ex: *Contos do Trancoso.*); junto a numerais (por ex: .j.) ou no fim de oração e serve ainda de marcador de abreviatura (por ex: *scilicet* e *et cetera*).

### ACENTUAÇÃO

A acentuação nos *Contos* torna-se deveras importante, na medida em que não se limita apenas a um tipo de acento. De facto, estamos na presença de um documento onde se pode discriminar uma variedade de acentos, desde o acento grave, o acento agudo e o acento circunflexo. Inserimos a posição de alguns gramáticos do final do século XVI, nomeadamente, de Magalhães de Gândavo e Duarte Nunes de Leão para melhor compreender este aspecto.

Para o primeiro autor, o uso de acentos é “fundamentalmente, uma função gráfica distintiva e impeditiva da homonímia, ferindo, todavia, apenas a sílaba tónica” (Buescu, 1984, p. 120).

O uso de acentos torna-se importante, segundo os dois autores, para evitar a ambiguidade entre palavras homógrafas nas terceiras pessoas do pretérito e futuro do mesmo modo e número. Nas palavras de Magalhães de Gândavo:

Também ha muitos verbos que não se sabe se fãllo do tempo passado se do porvir: e pera se tirar esta duvida, quando falarem do tempo passado, se porá o accento na penultima, que he a derradeira syllaba, senão a que esta antes della, assi como *alcancára*, *louvára*, *agradecéra*, etc. E quando falarem do por vir, pôrseha na ultima desta maneira, assi como *alcançará*, *louvará*, *agradecerá*, etc. (Buescu 1984, p. 120)

Nas palavras de Nunes de Leão:

Que as vozes do pretérito têm o acento agudo na penúltima, e as do futuro na última. Pelo que, para tirarmos a diferença dos modos e tempos, de que falamos, quando for pretérito diremos *amára*, *léra*, *ouvíra*. E quando for futuro diremos, *amará*, *terá*, *ouvirá*, com acento circunflexo. (1983, p. 156).

É curioso notar a presença de regras tão específicas relativa-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

mente à acentuação já no século XVI, embora tão díspares, não se verificasse o uso de diferentes acentos para expressar o futuro imperfeito do indicativo: *amarâ* para Leão e *agradecerá* para Gândavo.

Em termos estatísticos, o uso do acento agudo é de facto numeroso na obra de Trancoso (à volta de 500 ocorrências) e mostra-se indispensável para distinguir formas verbais como o pretérito perfeito do indicativo e o futuro imperfeito do indicativo. Contudo, não existem impressões perfeitas, pelo que identificámos algumas imprecisões quanto a esse aspecto. É o caso de formas onde a presença do acento agudo e grave surge para expressar o tempo do futuro imperfeito do indicativo (*encorrerâ*; *receberâ*; *acabarâ* e *perdoarâ*).

Para acentuar ainda mais essa desordem, os acentos graves e circunflexos figuram nas mesmas formas (*â memoria* e *à memoria*; *â porta* e *à porta*). Das duas uma: ou o autor queria, no primeiro caso, usar deveras o futuro e houve um erro no local do acento, ou para usar o pretérito, utilizou um acento errado. De uma coisa estamos certos: Trancoso recorre habitualmente a acentos, não se verificasse um número significativo dos mesmos.

O acento agudo figurará na obra de Trancoso, na tentativa de distinguir o pretérito-mais-que-perfeito dos verbos. Mas não passa de uma tentativa. Palavras como *acertara*, *acertára*; *achara*, *achára*; *acontecera*, *acontecéra*; *ajudara*, *ajudára*, *ficara* e *ficára* poderiam fazer crer que se tratariam de formas verbais distintas. Só o contexto em si é indispensável e fundamental para verificar que, realmente, trata-se do mesmo tempo verbal, com e sem presença do acento.

Para além do acento grave, com apenas 87 ocorrências, o acento circunflexo ocorre apenas uma dúzia de vezes, embora o seu uso seja irregular, razão pela qual verificamos a sua presença em exemplos como: *atê*; *ficâram* e *sayrâ*. Para Gândavo este acento tinha como função “assinalar o timbre aberto da vogal” (Gonçalves, 2003, p. 815). Será por essa razão que teremos, então, formas como *sayrâ*, *liurarâ* (designando o futuro dos verbos), *pagâram*, *ficâram* (designando o pretérito perfeito dos verbos), *atê* e *â porta*, já que Trancoso se situa em posição intermédia ao dos referidos gramáticos?

Fica assim a ideia de que a escrita, no que concerne aos acentos, era demasiado caótica, pelo menos graficamente. Quando pen-

samos que o mesmo acento servia para distinguir os tempos verbais do pretérito-mais-que-perfeito, do pretérito perfeito ou do futuro imperfeito do indicativo, sem que tal acontecesse na prática, temos a prova evidente dessa falta de clareza.

## FORMAS POPULARES E ARCAICAS

Tendo em conta que a sistematização e aprimoramento da língua não impediu que em pleno século XVI se mantivessem formas arcaicas e populares, passamos a especificá-las sem, no entanto, as distinguir visto que uma forma arcaica é a forma em desuso no seu tempo e a forma popular é a forma antiga, mas ainda presente: *acrecentar* (acrescentar), *adquerir* (adquirir), *ajuntaram* (juntaram), *alagoa* (lagoa), *aleuanteos* (levante-os), *algũa* (alguma), *alimparã* (limparam), *almorço* (almoço), *ametade* (metade), *amostrou* (mostrou), *antão* (então), *antre* (entre), *aqueixou* (queixou), *arrincar* (arrancar), *arroido* e *arroydo* (ruído), *asinha* (depressa), *assi* (assim), *bautismo* (baptismo), *bautizar* (baptizar), *beatilha*, *cento* (cem), *companha* (companhia), *comprir* (cumprir), *contrairo* (contrário), *creceo* (cresceu), *crecimento* (crescimento), *debaxo* (debaixo), *decer* (descer), *despois* (depois), *desque* (desde que), *dereito* (direito), *dezia* (dizia), *dixessemos* (dissemos), *emperador* (imperador), *esprimãda* (experimentada), *esteis* (estejas), *esté* e *estee* (esteja), *fermoso* (formoso), *fermosura* (formosura), *fogir* (fugir), *Frandes* (Flandres), *fructo* e *fruito* (fruto), *fruta* (fruta), *geolho* e *giolho* (joelho), *gengibas* (gengivas), *homecida* (homicida), *Iesu* (Jesus), *inigo* e *immigo* (inimigo), *impidais* (impeçais) e *impidas* (impeças), *inda* (ainda), *ingresa* (inglesa), *insinalo* (ensiná-lo), *madre* (mãe), *malenconia* e *menencoria* (melancolia), *manencorio* e *menencorio* (melancólico), *manhã* (manhã), *milhor* (melhor), *mór* (maior), *moura* (morra), *nacer* (nascer), *nenhũa* (nenhuma), *padre* (pai), *pera* (para), *piadoso* (piadoso), *polo* (pelo), *preguntar* (perguntar), *pubricaram* (publicaram), *pubrico* (público), *refusava* (recusava), *reposta* (resposta), *resplandor* (resplendor), *rezam* e *rezão* (razão), *sessego* (sossego), *sesudo* (sísudo), *simpres* (simples), *somana* (semana), *soo* (só), *sprito* e *spiritu* (espírito), *supito* (súbito), *treçam* e *treição* (traição), *tredor* (traidor), *usso* (urso), *vedelo* (vêde-o), *vezinhança* (vizinhança), *vezinho* (vizinho), *voda* (boda) entre outras.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Não queremos ainda deixar de chamar a atenção para a presença de latinismos. De facto, durante o Renascimento, verificou-se uma forte admiração pelos tempos clássicos e pelo latim, facto que nos leva a concluir a influência deste, relativamente à escrita do português quinhentista, onde se verifica a presença de consoantes latinas. É o caso de: *assumpçam* (*assumptione*> assunção) *doctrina* (*doctrina*> doutrina); *escripta* (*scripta*> escrita); *fructo* (*fructu*> fruto); *lector* (*lectore*> leitor); *psalteiro* (*psalteriu*> saltério); *sanctidade* (*sanctitate*> santidade); *sancto* (*sanctu*> santo); *sciencia* (*scientia*> ciência); *septimo* (*septimu*> sétimo); *sumptuosas* (*sumptuosa*> sumptuosa) e *victoria* (*victoria*> vitória).

Em termos lexicais é possível apurar uma série de palavras transmissoras do modo de vida do séc. XVI. São palavras relacionadas com:

□ os animais: *alimaria*; *azemela/azemella*; *nebri*; *rocim*; *ruço* e *sabujo*;

□ o vestuário: *almexias*; *beatilha*; *bedéis*; *burel*; *cabeçam*; *damasco*; *fralda*; *gorra*; *grauim*; *jubão*; *libre*; *mantilha*; *roupeta* e *vestimenta*;

□ os ofícios da época: *borlador*; *estribeiro*; *fiandeira*; *justador*; *ortelão/ortellam* e *mercancia*;

□ as embarcações: *batel*; *galeão* e *galé*;

□ a vida dos rapazes e raparigas: *açafate*; *arção*; *arremessão*; *azagaia*; *bastidor*; *bozinas*; *burel*; *elmo*; *escudellas*; *estribeira*; *geneta*; *justas*; *maçarocas*; *montaria*; *monteiros*; *nominas* e *retros*.

## BIBLIOGRAFIA

BERARDINELLI, Cleonice. Um best-seller do século XVI. **In:** *Estudos de Literatura Portuguesa*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 77-80.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Trad. de Henrique Tavares e Castro do original francês intitulado *L'apparition du Livre* publicado em 1958 e 1971. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *A novelística portuguesa do século XVI* [Em linha]. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Biblioteca Breve. Vol. 24. M.E.C. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa: Livraria Bertrand, 1978. 94- 117. Disponível na: [www.instituto-camoes.pt/cvc/bvc/bibbreve/024/bb24.pdf](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bvc/bibbreve/024/bb24.pdf). Consultado em 30/12/2004.

HAEBLER, Konrad. *Introducción al estudio de los incunables*. Trad. de Isabel Moyano Andrés do original alemão *Handbuch der Inkunabelkunde*. Madrid: Ollero & Ramos, 1995.

LEÃO, Francisco G. Cunha. Subsídios para a edição portuguesa no século XVI. **In:** *Revista Portuguesa de História do Livro*. Ano III (1999), nº 6. Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (C.E.H.L.E.). Lisboa: Edições Távola Redonda, 2000, p. 11-28.

MIMOSO, Anabela. Contos e histórias de Proveito e Exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso: um livro “exemplar”. **In:** *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*. Vol. XV. Porto, 1998, p. 259-329.

NOBRE, Cristina. *Um texto instrutivo do século XVI de Gonçalo Fernandes Trancoso- Contos & histórias de proveito & exemplo*. Prefácio de Maria Vitalina Leal de Matos. Leiria: Magno, 1999.

PALMA-FERREIRA, João. *Contos e histórias de proveito & exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso* (texto integral conforme a edição de Lisboa, de 1624). Prefácio, leitura de texto, glossário e notas por João Palma-Ferreira. Lisboa: Instituto Nacional-Casa da Moeda, 1974.

TRANCOSO, Gonçalo Fernandes. *Contos & histórias de proveito & exemplo*. Edição fac-similada [da edição princeps de 1575]. Introd. de João Palma-Ferreira. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.